

REGINA CORREIA

Nunca saberemos

(Ao poeta e amigo José Jorge Letria)

Nunca saberemos
se o pássaro de naufrágio
aninhado em tua ausência soltaria seu
voo fulgurante nos limites da
dormência e faria da noite
amargurada
puro amanhecer de
sílabas retornando à palavra
embriagada.

Não saberemos nunca
se o brilho do poema
vagamente pressentido nessa
teia de indolência
horizontal que
deslumbra a página
adormecida
teria ansiado pela nudez do mundo
acontecendo em clareira
aberta sobre um
reino à superfície da
vida.

Não saberemos.

Pérola ou
pedra
transparência do dia ou
coincidência
fosse corpo e alma germinando na cadência
inicial

quando a voz clamasse e o chão tremesse
num acordar do nada
fogo e ilha
entre o acaso e a desabrida brancura da cal.

O Poeta

(Ao poeta Arménio Vieira)

O poeta
domina o mundo
carrega aos ombros essa poeira
imprecisa
tão nítida do poema
sequestrado entre
sombras e
sílabas.

Habita a
penumbra
flor de luz no
coração apaziguado pela
palavra
pelo gesto da memória.

Subitamente o
inferno
abre-se em céu de vidro que
reflecte o fulgor das
chamas em momento
único
de vertigem.

E regressa do silêncio.
Na metamorfose da dor.

Cada verso será rumor de partida e de chegada.
Sempre.
Cintilando em nosso olhar
*mais perto desse deserto interior.*¹

Não Fosse a Palavra

Não fosse a palavra e
todos os gestos a que
amor dá alma se
perderiam
irremediavelmente no
coração da
desesperança.

Não conheceríamos a
glória do mundo em
seu começo
voz da
humanidade em cada
verbo
redondo
grávido de sol e do
murmúrio das
sílabas
iluminadas pelo
fulgor em que se desenha o
horizonte mátrio da
ternura.

¹ Carlos de Oliveira

Não fosse a palavra
renascida
habitáculo de
navios
pontes
margens de um cais
pousado sobre as
grades do vazio.

Verbo feito carne
nesse altar de
bênçãos onde
amor
assinala fim da noite
esculpida na mudez e
um poema inaugura o dia
despontando sôfrego e
marítimo nas asas da
vida.

Por nossas mãos tecida
cada palavra um farol à esquina das
consoantes sombrias do
olvido.

Não fosse a palavra
rosto claro
fulgurante de
vogais em
corpo de fiel errância
“lua de ouro”
palpitante sobre os
veios da ausência como um
pássaro azul no
alvoroço da
luz.

NOTA BIOGRÁFICA

Regina Correia nasceu em Viseu, em 1951. Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa, leccionou Inglês e Alemão no Ensino Secundário, em Portugal, e Línguas e Cultura Portuguesa na Alemanha, em Estugarda (1980-1986) e Hamburgo (1993-2008), na Alemanha. Até aos 24 anos de idade viveu alternadamente em Portugal e em Angola, para onde foi com 8 meses de idade, tendo também nacionalidade angolana. Publicou *Os Enteados de Deus* (Prémio Revelação de Ficção Câmara Municipal do Montijo/APE), *Uma Borboleta na Cidade* (ficção) e *Noite Andarilha* (poesia), pela Universitária Editora. Em Maio de 2012, a Alfabeta Editores deu à estampa o seu último livro de poesia *Sou Mercúrio, Já Fui Água*, que inclui uma reedição de *Noite Andarilha*.